

RELATÓRIO DE SUBSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA  
DOS PARECI

Era idéia de alguns membros da Missão Anchieta - Diamantino-MT, desde o início da década de 70, fazer uma experiência de plantio de cereais no cerrado, isto com o emprego de máquinas, como se faz no sul do país.

Esta idéia começou a ser lançada entre os índios Pareci no ano de 1972 pelo Ir. Vicente Canhas que atuava aqui, atendendo no que lhe era possível em casos de doenças e na conscientização dos índios sobre os problemas de terra e as conseqüências que oferece um grande contato dos índios com a estrada BR-364.

A intenção, segundo o Ir. Vicente era ter aqui uma ou mais lavouras onde se pudesse plantar cereais e outras culturas do consumo indígena com um sistema de trabalho o quanto possível adaptado ao sistema Pareci, isto é, não na técnica exigida pelas próprias culturas mas um sistema de trabalho onde fosse levado em conta o índio em sua concepção diferente de trabalho.

Os motivos de introduzir uma idéia, até certo ponto estranha aos quadros culturais dos Pareci para resolver um problema básico de alimentação, era motivado por uma brutal corrida de gente do centro e sul do país em busca de terras para formar fazendas. Em decorrência disso, os locais de caça e a própria caça foram diminuindo em porcentagem elevada.

O fomento à agricultura primitiva e braçal era e continua sendo válido mas não resolvia basicamente a situação pois a terra disponível para este tipo de roça além de ser diminuta (só cabeceiras dos rios e alguma outra mata ao longo de alguns rios) é muito pobre. Uma roça feita no mato pode ser usada apenas por um ano, e além disso exclui-se o plantio de milho e feijão por ser a terra muito fraca para estas culturas.

Tudo começou a se concretizar quando depois de várias reuniões entre alguns líderes Pareci, uma representação destes e mais Vanda Barbosa e Vicente Canhas, da equipe da Missão que atuava com o grupo, foram pedir uma resposta definitiva sobre o assunto ao Bispo de Diamantino, diretor da Missão. Foi neste encontro, 20 de junho de 1975, que a diretoria da Missão dispoñdo de uma verba do MEC/FNDE, resolveu aplicá-la na compra do maquinário para o grupo Pareci, contanto que os Pareci se comprometessem a mandar formar 4 tratoristas e providenciar a análise da terra.

Infelizmente não foi respeitado, por parte dos elementos encarregados da compra das máquinas, o pedido (inci) inicial formulado pelos índios, no sentido de que o trator e demais implementos fossem todos

2000  
Bispo de Diamantino  
20/06/75

de tamanho médio. Por interesses alheios à comunidade indígena, tudo foi comprado em tamanho "gigante". Os gastos deste trator comprado foram de 100% a mais daquele pedido pelos índios e, além disto, com menos recursos para o projeto previsto (por exemplo a adaptação de uma polia).

Os quatro Pareci escolhidos começaram em 28 de outubro de 1975, na secretaria da agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, o curso de tratorista juntamente com Ivar Busatto (da Operação Anchieta e que acompanharia toda a implantação do projeto). A duração deste curso foi de dois meses e todos os alunos Pareci tiveram desempenho bastante satisfatório.

Para custear parte deste curso foi feita uma campanha de artesanato entre todos os índios. Mais tarde esta campanha foi motivo de alguns desentendimentos quando os doadores observavam que o trator não estava ao seu dispor, isto é, não estava aqui para fazer frete gratuito para quem quisesse.

Na volta dos tratoristas o conjunto de máquinas que estava depositado em Diamantino foi trazido até o Rio Verde, Aldeia onde residem três dos quatro tratoristas. Para uma demonstração e para aproveitar o entusiasmo dos índios pela chegada do trator, foi feita uma roça de 3 ha. para mandioca, ao lado da aldeia do Rio Verde, onde muitos ajudaram, inclusive pagando o óleo. Com esta pequena experiência todos os grupos familiares queriam que o trator fizesse uma roça para eles na sua aldeia, uma roça para cada grupo. Por trás disto notava-se nitidamente uma grande desconfiança mútua pois na verdade não acreditavam que eles, (so) os Pareci, pudessem ganhar um trator mas como agora ele aqui estava, poderiam os Pareci "mais espertos" aproveitarem-se e fazer uso da máquina só para seus interesses. Por um outro lado havia uma incerteza da parte dos principais líderes se de fato todos iriam participar na plantação, que nesta época já estava pensada para ser realizada a 12 Km. do Rio Verde, em um campo argiloso onde a terra se apresentava mais favorável à agricultura mecanizada.

Nesta época, janeiro de 1976, o que os Pareci tinham em mão era apenas o conjunto de máquinas, todas as chaves e material acessório faltava.

Em fevereiro Vicente Canhas e Daniel Matenho - Este responsável indí- pelo projeto - começaram a pleitear junto a equipe da Missão responsável pelo setor de projetos, o custeio da lavoura de arroz (fora este o cereal escolhido pelos índios para ser plantado).

Por parte da Missão havia uma posição firmada no sentido que a roça fosse de 10 hectares pois com esta pequena plantação os índios ganhariam experiência, e esta experiência a Missão custearia na sua totalidade, sendo que nos próximos anos poderia ser ampliada.

A posição do Vicente e do Daniel, representando o anseio dos índios, era que fosse feita uma lavoura de 100 hectares pois as experiências feitas na região mostravam que o cerrado produzia arroz e que com esta plantação, 20% da produção poderia ser distribuída aos índios enquanto

enquanto 80% poderia ser comercializado para dar continuidade ao projeto no ano seguinte. Um outro motivo era que os índios não entendiam o porquê ter um trator tão grande para fazer uma roça tão pequena que não daria arroz para "todo mundo".

Quando em março o Ivar assumiu a orientação técnica do projeto, o Vicente, contra a vontade dos índios e da equipe que com ele atuava, deixou os Parecí e começou um novo trabalho junto a um grupo recém-contatado.

Perdeu muito o grupo Parecí com esta saída pois todo o trabalho de informação e de conscientização sobre o novo tipo de atividade comunitária que aqui começava, praticamente parava. A equipe que aqui atuava - Vanda Barbosa, Isaldina dos Santos e Pe. Adalberto Pereira - conhecedores que eram de toda a situação do grupo, muito contribuíram para que a continuidade de linha de trabalho fosse mantida.

Assim mesmo com referência ao projeto agrícola, como era coisa nova, o Ivar estava sozinho para animar os índios a assumirem, respeitando seu jeito de ser, dar orientação técnica, conseguir recursos junto a Missão para dar continuidade ao projeto, tendo em vista que as verbas era dadas conforme(sist) insistentes solicitações juntamente com o Daniel, no escritório de Diamantino.

O pessoal do escritório da Missão responsável pelo setor de projetos, estando totalmente alheios à realidade indígena Parecí, forçava a implantação do projeto segundo seus critérios de renda, de lucro, não se preocupando por conhecer a verdadeira situação dos índios pra de fato colaborarem com a equipe de frente (os três tratoristas, Ivar, João Garimpeiro e Daniel) No desenvolvimento do trabalho agrícola. Esta falta de assessoria, ou melhor, de apoio por parte destes elementos, dificultou o trabalho em conjunto.

Faltou também nesta etapa alguém que fazendo parte da equipe de frente, estivesse em contato permanente com todos os grupos, principalmente os mais distantes, para colocá-los a par dos passos a serem dados e a maneira de como (com a participação da maioria) poderiam ser dados. A saída do Vicente foi mais sentida nesta fase, isto é, na fase de implantação do projeto pois havia muitos índios que estavam "por fora" ou tinham noções muito distorcidas a respeito da plantação. E também o pessoal das aldeias mais distantes não sentia atingido pelo projeto pois dizia que a roça pertencia aos Parecí do Rio Verde porque elementos desta aldeia mais motivados eram os que mais participavam.

### C O L H E I T A

Quando o arroz já estava maduro o capitão João Garimpeiro com os demais elementos da equipe de frente, passaram em todas as aldeias, convidando a todos indistintamente, para ajudar a colher o produto já que seria colhido manualmente. Durou dois meses esta tarefa e 50% do povo participou.

É difícil transcrever aqui todos os fatos

ocorridos neste tempo pois a reunião de até cem pessoas de várias aldeias e clãs para colher uma roça, é um acontecimento único na história dos Pareci. Os Pareci só se reúnem para festas.

Mesmo desconfiando que seriam traído por alguém, houve uma participação de 20 a 50 trabalhadores durante todo o tempo da colheita, Este número de trabalhadores superou todas as pespectivas da equipe de frente pois levando-se em conta que os Pareci não está acostumado ao "tal" trabalho na hora "X", e isso por dois meses por causa das chuvas, esta atuação deu muitas esperanças para uma possível união entre os diversos grupos familiares.

Neste trabalho destacaram-se algumas aldeias: Tanorehanã, Taquarinha, Ilyasô, Makuatakorê e Rio Verde, sendo que as três primeiras são de índios mais simples e geralmente os que poucas vezes arrumam confusões.

Houve dois elementos da aldeia do Sacre que por excelência tinham a incumbência de armar os fuchicos mais originalis possíveis. Quando depois de um mês de colheita estes elementos retiraram-se, uma tranqüilidade muito grande reinou entre todos.

Relatamos só um fato ocorrido durante a colheita: O Daniel percebendo que o tratorista Marinho, para o qual o trator é um status social, todos os dias saís para buscar lenha, falou em português para o capitão João Garipolho, que cortava arroz junto com uma das turmas, que este falasse ao tratorista para que lotasse a carreta de lenha, para não precisar fazer todo dia uma boa distância com o trator, para tal serviço. O Daniel ainda completou: "Óleo não se acha no lixo e te ue poner." Foi isso, todos nós ouvimos só isso. O João mandou o recado para o Marinho e algum tempo depois a carreta voltava carregada de lenha.

quando na hora do almoço todos estavam no acampamento para a refeição, a maior confusão estava armada. Liderados pelos elementos do Sacre já mencionados, o que se ouvia era que o Daniel estava trancando (prendendo) o trator para que faltasse água( a água trazida do Rio Verde) para que todos fossem embora. Com isso Daniel venderia todo o arroz só para ele em Diamantino. Isso porque ele tinha encontrado um bom preço quando foi para lá comprar peças para o trator. Com ambientes deste tipo, tudo vinha a tora, e os índios mais simples acreditavam em tudo sem a menor consciência de que isso não pudesse ser verdade.

Estos acontecimentos, ou melhor, este ambiente de fuchicos, bate-bacás, são absolutamente normais e faz parte da vida do Pareci, intensificando-se ainda mais quando reunidos para trabalhar. Por isso precisou muita agilidade por parte da equipe de frente para manter a turma unida.

Quando algumas famílias estava cansadas do trabalho, arrumavam um pretexto qualquer, procuravam chamar a atenção sobre este pretexto e depois retiravam-se. Isso em 100% dos casos.

## DISTRIBUIÇÃO DO ARROZ

Foi combinação da equipe de frente juntamente com os principais líderes, de que uma parte da produção seria distribuída e outra parte vendida para poder dar continuidade ao projeto ao próximo ano.

A distribuição começou a ser feita quando da chegada dos trabalhadores para a colheita. Logo mulheres e crianças começaram a ordenhar o arroz mais maduro, pondo-o ao sol para fazer Katazere (chicha) e o boião.

Quando a trilhadeira foi regulada e começou a bater o produto, saindo a bica cheia do cereal já limpo, havia um suspense geral e muitos, com seus hornais e saxaria escondidos, admiravam boqui-abertos o espetáculo. Ninguém tinha visto isso na vida e mais, este produto poderia lhes pertencer.

Quando porém, um elemento da equipe de frente falou para todos: "O arroz é nosso pessoal, quem quiser pode vir aqui com sua vasilha e (apara) aparar para comer e levar para casa, pode vir e aparar sem pedir para ninguém" - foi o suficiente para observar no rosto dos presentes uma alegria incomum. A desconfiança de serem traídos começava a ter fim. Depois disto, conforme ia sendo trilhado o arroz, o pessoal ia levando para suas casas o necessário para o consumo. Houve alguns poucos que com medo de na repartição final "sobrarem", levaram uma quantidade maior do que precisavam para passar o ano, mas logo notou-se uma censura por parte dos demais.

A partilha final foi feita pelo João Garimpeiro e o critério mais forte era a quantidade de pessoas e a participação de cada aldeia no trabalho. Algumas sacas foram distribuídas classicamente a pessoas que não tinham atuado na roça pois a intenção era atrair estes elementos, conquistá-los para uma coesão de grupo. Foi um gesto que surtiu efeito, não se ouviu pessoas dizendo que a roça é propriedade tal ou tal indivíduo como se ouvia frequentemente antes da distribuição.

## VENDA DO ARROZ

A QUOTA DESTINADA PARA VENDA FOI DE 21 TONELADAS.

Alguns elementos da equipe de frente, já no da colheita, foram verificar as possibilidades de comércio em Diamantino. Apresentavam-se duas possibilidades: vender para beneficiadores por um preço insignificante ou vender ao banco com algumas transações mais delicadas mas com um preço mais compensador. Foi decidido por esta última possibilidade mas sem perder de vista uma oportunidade de efetuar a venda na estrada, a algum comprador que mesmo pagando menos, seria menos incômodo. Para tal o Daniel adquiriu um bloco de vendas junto a Coletoria Estadual em Diamantino.

Para a transação final tinha ficado encarregado o João Garimpeiro, a fim de evitar que alguém pudesse dizer que outros monopolizaram o dinheiro.

Constantemente foram dadas informações ao João de como poderia vender o produto e além disso, foi ele estimulado para que assumisse este compromisso, pois era a pessoa mais indicada para fazê-lo, com assessoria dos demais elementos da equipe de frente. Ele aceitou de bom grado o trabalho.

Neste meio tempo várias pessoas do escritório da Missão em Diamantino, por vias orais e por escrito, propunham que os Pareci depositassem o arroz no armazem da CASEMAT em Diamantino, pois o Banco do Brasil compraria o produto.

Durante 45 dias o JOÃO FICOU inativo, esperando que o Ivar voltasse do sul onde tinha ido fazer uma viagem por motivos particulares. Quando Ivar voltou o capitão veio logo dizer ou pedir ajuda. Foi então que, estando o Birro, índio Pareci de volta para Cuiabá com um mondrongo (Caminhão Saurer), do próprio grupo Pareci, foi proposto ao João que aproveitasse esta volta para começar depositar o arroz no armazém da CASEMAT. O capitão ficou entusiasmado com a idéia e logo contratou o Birro para fazer todo o transporte do produto. Logo quando da primeira viagem, Ivar e Silvio Bonotto (novo integrante da equipe de frente) solicitaram ao motorista que fizesse o preço do frete, este insistia em dizer que seria por "preço da cachaça". Bem, para a equipe de frente isso significava pagar os gastos do carro, a diária do motorista e uma margem de reserva. Tendo em vista o pequeno porte do caminhão, uma viagem não podia custar mais de R\$ 1.200,00. O "preço de cachaça" que o motorista cobrou ao João foi de R\$ 3.000,00 por viagem, num total absurdo de R\$ 12.000,00.

Aconteceu que, quando todo o arroz estava entregue e classificado, o Daniel foi ao banco. Lá o gerente da carteira agrícola lhe informa que esta agência bancária só compraria arroz para quem o banco tivesse financiado o plantio. Esta posição deixou a todos desarmados pois este mesmo gerente tinha dado informação de que o banco compraria o produto. Tudo voltava a "vaca Fria" e precisava vender o produto a qualquer beneficiário ou beneficiador para por fim de uma vez a esta enrolada que nem um cidadão brasileiro "branco" e muito menos um Pareci podia entender. Quando o governo faz propaganda para ter uma grande produção, inventa programas de desenvolvimento como o POLOCENTRO e quando o povo da terra, o índio, tem esta produção na mão, precisa pedir por favor que haja algum comprador do produto por um preço irrisório.

A pedido do João, Daniel vendeu o arroz a R\$ 1,00 o Kg. para um comprador de Di

comprador de Diamantino. Pagou a sacaria, armazenamento na CASEMAT, o absurdo frete e somando gastos de viagens, tempo e dores de cabeça, por pouco o Pareci pagava para ter o arroz.

Sob o aspecto econômico, a venda foi um fracasso, Mas o maior desastro de uma péssima venda foi de não ter o dinheiro desta operação na mão para ter podido mostrá-lo a todos os índios, para que todos tivessem a oportunidade de ver o dinheiro, fruto do trabalho comunitário, novamente a disposição de uma nova roça para todos, Assim a equipe de frente ganharia confiança e para a continuação tudo ficaria mais fácil.

Posteriormente o João Garimpeiro colocou toda a culpa do má venda sobre o Ivar. Alegou o capitão que o Ivar não deveria ter colaborado com a venda, mesmo que ele tivesse pedido esta ajuda e que esta venda tivesse sido pensada por toda a equipe de frente, pois por um preço tão baixo não adiantou vender o arroz. Segundo o João o produto deveria ter apodrecido aqui nos depósitos e aí sim todos poderiam por a culpa nele, pois "se o arroz estivesse aqui ao menos poderia ser distribuído para quem quisesse. O nosso trabalho perdeu o valor, os patrícios podem dizer que roubamos o dinheiro da venda". No final, uma conclusão aparece clara: a vida burocratizada, de grandes negociatas a lucro do mundo dito "civilizado", não é compreendida pelos índios assim como não merece ser imitada. Para o Pareci é duro entender a venda do excedente de alimento. Pode-se vender tudo mas não alimento. Plantar arroz para vender não parece um bom negócio, o que se está pensando é que tipo de projeto se poderia organizar para manter outros projetos de subsistência.

#### A PARTICIPAÇÃO DAS ALDEIAS

BOI MORTO: 5 elementos deste grupo colaboraram durante parte do tempo na colheita. O argumento de alguns líderes desta aldeia é de que não tem segurança se de fato vão receber alguma coisa do produto. Por ter sido negado a eles o trator quando de uma festa no Formoso ressentiram-se muito e não sentiram que o projeto também lhes pertencia.

BETILHO: Iden a Boi Morto.

Mirapira e JULIA: Separaram-se do grupo do Boi Morto. Velhas intrigas permanecem vivas entre eles.

É um grupo onde a equipe da Biscão aqui presente dedicou menos tempo de conscientização. Não participaram.

TANOBE e TARDARINHA: Tiveram atuação destacada quando da colheita. 90% do pessoal esteve durante dois meses em tempo integral colhendo arroz.

REBERAQUE: É um grupo familiar que vive praticamente isolado de to-

dos os demais grupos. Vende artesanato em frente à Embretel, compram alguns gêneros no boliche dali mesmo e voltam para a maloca. Houve pouco trabalho de conscientização com este grupo. Não participaram da colheita.

ESSEIV-DIRU e ILIUSE: Durante 25 dias estiveram colhendo arroz. Assim como a maioria das aldeias não participou de todas as etapas do trabalho da roça (preparo da terra, plantio, combate a ferrugem, etc.).

Selusi: Das três famílias do grupo, duas delas estiveram ajudando em quase todas as etapas do trabalho. Elementos desta aldeia algumas vezes criaram confusões que ocasionavam mal-estar entre os trabalhadores. Antes do término da colheita todos os índios dessa aldeia retiraram-se permitindo uma maior tranquilidade.

PALANAZA: Um tratorista é dessa aldeia. Este grupo teve participação apenas no começo e término do trabalho. Por não ter compatibilidade com os demais elementos, retiraram-se.

MARUATARE, KOTTINKI e RIO VERDE: Foram as aldeias que, com a exceção de alguns elementos, participaram em todas as etapas do trabalho de campo. Três tratoristas e o capitão são destes grupos. Foi nessas aldeias que a equipe desenvolveu maior conscientização, justamente por estarem mais envolvidas e mais próximas do projeto.

BACAVAI: Tem vida própria. Possui economia baseada na extração da borracha. A distância da roça (108) Km. Dificultou a participação deste pessoal no projeto. Quando alguém da equipe lhes falava algo com referência ao trabalho comunitário preferiam um projeto só para eles lá no Bacavaí. Esta aldeia com suas famílias distribuídas pelos seringais próximos é sem dúvida a de melhor e mais estável nível econômico entre os Pareci.

TUMAIATIA (Sacro): É a aldeia mais distante do projeto (190 Km.). Está muito desligada de todas as atividades realizadas com o restante do grupo Pareci. Está mais ligada com o setor de Utiariti. Não participou do Projeto.

ALDEIA QUEIMADA, FORMOSO e MALA-MALACÊ: Está sendo ultimada uma reserva na serra do Formoso em nome do sub-grupo Uaimaré que lá vive. São os índios Pareci que possuem a melhor terra, onde tudo o que é plantado é colhido com sucesso. Lá, gêneros como a banana, mamão, feijão, milho, arroz, abóbora e outros, dificilmente estão em falta. Por esta razão uma plantação de arroz não os atraiu. Além disso boa parte dos índios do



Fermoso pertence ao sub-grupo Uaimaré, de sangue azul, e não é comum unirem-se aos demais clãs.

### CONTINUIDADE DO PROJETO

Depois da fracassada venda pensou-se muito sobre como continuar. Abandonar a roça depois de um ano de muita luta para incentivar o povo à aniação, a colaborar, O Pareci sentiria-se frustrado pois teria perdido o trabalho e a maioria, na sua simplicidade, não poderia entender que tendo vendido "tanto" arroz não se tivesse conseguido dinheiro suficiente ao menos para fazer uma rociuha. Esta preocupação ouvimos de muitos.

O responsável pelo setor de promotos da Missão, enviou carta ao Daniel informando que: " Como a Missão custeou o projeto no primeiro ano, a partir deste, os Pareci deveriam continuar por conta, sem outra colaboração..."

Tendo explicado as situações da má comercialização (tirando deste fato as lições possíveis), optamos pedir uma ajuda de R\$ 25.000,00 à Operação Anchieta para plantar 20 hectares de arroz, quantidade que possibilitará uma produção capaz de servir a quantos colaborarem com a lavoura.

Algumas modificações se tornaram necessárias. Por Ex.: a roça será dividida quando de seu plantio por grupos de aldeias mais próximas entre si. Facilitará com isso a que o Pareci sinta a roça de sua propriedade e lhe dedique os cuidados necessários. Também não será mais dada pela cooperativa do grupo, parte da alimentação aos que forem colher o arroz, como se fizera neste ano, O projeto será no mesmo lugar mas não será de todos; indistintamente, que ao mesmo tempo não atinge ninguém, mas será dos diversos grupos divididos conforme decisões de seus capitães e líderes.

### O QUE OS PARECI PENSAM SOBRE O PROJETO:

Quando a idéia foi lançada pelo Ir. Vicente a absoluta maioria dos Pareci não acreditava que a Missão pudesse doar-lhes um trator e que esse trator fosse de fato deles. Era comum ouvir-se: "PARECI SEMPRE FOI (ABANDONADO) abandonado, o se fosse Irantxe ou Canociro podia ser verdade, pois para eles o caminhão passa cheio de "coisas" e para nós nada".

Mas quando a campanha para arrecadar fundos a fim de pagar a viagem dos tratoristas que iriam ao Rio Grande do Sul começou, a crença se espalhar. A idéia tomou vulto e quando alguns viram as máquinas no pátio do Seminário em Diamantino, a notícia foi logo espalhada por todas as aldeias.

Quando as máquinas foram descidas no Rio Verde houve entre alegria de sentir o material já bem perto e a certeza de que este material lhes pertencia, as mais diferentes opiniões de como o Projeto iria funcionar. A maioria julgava que sendo o trator seu, cada um poderia usá-lo como bem entendesse para transportar pessoas e material para qualquer lugar que desejasse.

Como isto foi-lhes sendo mostrado que seria impossível e que todo este maquinário estava aí para fazer a tão falada roça, muitos quiseram que esta roça fosse feita na sua aldeia. Isto, com medo de que se só uma roça fosse feita iriam ser logrados e recobados, pelos outros.

Quando o arroz começou a nascer, bonito, bem plantado, ora visível o contentamento e a difusão da notícia entre todos, pois os Pareci só tinham visto arroz plantado no mato, e o campo era dado por eles como imprestável para agricultura. Foi este o momento em que se sentia o índio Pareci orgulhoso e contente pelo trabalho da roça no campo, o entusiasmo aumentando conforme ia crescendo o arroz. Entre muitas perguntas as que mais apareciam se referiam à quantidade de arroz que podia ser colhido. Alguns pediam se dava para colher ao menos um saco para cada família enquanto outros pediam se a colheita passava dps 3.000 sacos.

Foram as mais contraditórias as posições dos Pareci com referên- cia no Projeto Agrícola. Uma boa parte, so de menos contato com a civilização branca se omitiu de dizer alguma coisa, mas o certo é que desses o projeto teve boa ajuda. segundo interpretação de alguns índios, geralmente os mais velhos, muito estavam ajudando porque de fato confiavam de fato que iriam ter também a sua parte de arroz.

Havia constantemente entre eles a idéia de que corria dinheiro fácil nas mãos da equipe de direção e mais especificamente nas mãos do Daniel. Esta onda atingia a quase todos, principalmente por inveja segundo afirmação de alguns: "O Daniel sabe ler, escrever e é o Pareci que mais condições para tratar com a civilizado. Também a onda de que o Daniel manipula dinheiro que o governo manda está muito enraizada entre alguns.

Isto está diretamente ligado com o Projeto pois o Daniel é o Primeiro responsável pelo desenvolvimento do mesmo. Muitos índios quando falta óleo, peças ou surge algum problema na lavoura não se interessam em procurar uma solução pois depositam no Daniel e nos demais membros da equipe toda a responsabilidade para resolver o problema. Por outro lado quando havia algum trabalho não era poucos os casos que elementos se punham a dispor: "quando precisar de mim é só mandar me chamar". Outro acrescenta: "quando tem alguma coisa errada eu falô mesmo, mas também quando é para trabalhar eu ajudo.

Por parte das aldeias que não queriam ajudar no trabalho na roça

era comum a expressão: "Eu não trabalhar para esses vagabundos". Querendo dizer que a roça era do pessoal dos arredores do Rio Verde.

No geral, as opiniões da maioria quando do início do projeto era de muito descrença. Desacreditavam desde a possibilidade de que o arroz se desenvolvesse no campo até a descrença de serem eles capazes de se unirem para trabalhar juntos.

Mudou pelo menos em 80% esta posição pois quase todos os depoimentos ouvidos depois da partilha, são de nostalgia dos tempos passados juntos quando da colheita.

- "SH, tempo bom! HALITI (auto denominação Pareci) não tá acostumado trabalhar junto com toda a aldeia mais agora tá acostumando outra vez e ano que vem vâi ficar melhor".
- " Nóis não acreditava que ia ganhá bastante arroz mais outro ano nós vamo plantar mais, outra vez tudo junto".
- " Trabalhando como nós tá fazendo até a criança aprende como os antigo de domeçá ajuda o pai".
- " O civilizado estragou muito os Hañiti mais agora outro civilizado tá ajudando nossa roça prá nós aprendê outra vez aquilo que nós esquecemo".

#### AVALIAÇÃO

Pelas circunstâncias e efeitos de contato em que se encontra o Pareci, o trabalho junto deste povo é dado por alguns elementos da Missão Anchieta como um desafio. Há alguma razão nisso. Mas a partir do momento que se começou a desenvolver o projeto agrícola contando e confiando na capacidade do Índio, houve resultado muito positivo. O primeiro deles é que um bom grupo tomou consciência que o trabalho em conjunto além de render mais tem muito mais força, aumenta a moral. Foi assim na luta pela terra quando confiaram apenas na força do grupo para evacuar da reserva muitos fazendeiros.

Por ocasião da colheita, elementos de várias aldeias trabalhavam lado a lado esquecendo velhas intrigas. O Pareci, que tradicionalmente se reúne apenas para fazer festas, teve boa ocasião para encontra-se. Este encontro, facilita outros, muito necessário para discutirem seus problemas que devido ao grande contato com a população envolvente, se apresentam.

Também a boa produção da roça colaborou para a melhoria da alimentação, além de ter dado confiança e valor de cada um.

como aspectos menos positivos sabemos que o, projeto deveria ter sido melhor compreendido pelos índios antes de seu início. E durante a implantação faltou um elemento que dedicasse mais tempo à informação e conscientização. Faltou (um elemento que dedicasse) também um elemento que fizesse junto com o Índio, toda a ligação com o mundo de fora pois só a orientação

técnica absorve um elemento. Para todo este trabalho havia apenas uma pessoa.

Não houve bom entrosamento entre a equipe da Missão Anchieta que atuava aqui e a diretoria da mesma, mais especificamente com o pessoal do escritório encarregados do setor de projetos. (excdção para Darci L. Piveta que lá(aut) ficou até a chegada das máquinas). Foi sem dúvida mais difícil para a equipe de frente trabalhar com estes elementos do que levar adiante todo o trabalho com os índios. É necessário um trabalho em conjunto mas com pessoas ligadas à causa indígena e com a mesma linha de trabalho.

Para o plantio escolheu-se a melhor terra e por isso a roça ficou longe da lenha e água.

Tirou-se muitas lições de má venda mas se o resultado tivesse sido melhor não teria proporcionando tanto transtorno à equipe de frente e os índios teriam visto o dinheiro quente, resultado de seu trabalho, e que daria bom moral.

Dos quatro tratorista, três eram do Rio Verde e um de uma aldeia satélite. O capitão e a equipe da Missão que atua aqui também moram nos arredores do Rio Verde. Esta concentração de pessoal de uma mesma região dificultou aos índios mais distantes entender que o projeto era de todos.

E, finalmente, consideramos válida a experiência embora seja necessária agilidade da equipe de frente para que o Parecí não se torne dependente de novo trabalho agrícola.

Rio Verde, Novembro de 1977.

F I C H A

T É C N I C A

<u>PROPRIEDADE DA TERRA</u>	Nação Pareci	
<u>EXECUÇÃO E PROPRIEDADE DO PROJETO</u>	- Índios Pareci	
<u>Orientação TÉCNICA</u>	- Ivar L. Busatto	
<u>CEREA A SER PLANTADO</u>	- Arroz	
<u>ÁREA A SER PLANTADA</u>	- 45 hectares	
<u>QUANTIDADE DE SEMENTE</u>	- 2.000 Kg. tipo IAC 12/16	- R\$ 7.000,00
<u>QUANTIDADE DE ADUBO</u>	- 10.000Kg. fórmula 5. 30.15-	R\$ 38.000,00
<u>QUANTIDADE DE CALCÁRIO APLICADO</u>	- 70.000 Kg.	- R\$ 10.000,00
<u>PREVISÃO DE COLHEITA</u>	- 51 toneladas	
<u>PREÇO MÍNIMO GARANTIDO PELO BANCO DO BRASIL</u>		- R\$ 79.050,00
<u>FRETE DO CALCÁRIO (Moinho até a lavoura) - 250 Km.</u>		- R\$ 15.000,00

NÚMERO DE HORAS TRATOR

Primeira gradeação - maio	60 horas
Distribuição do calcário - setembro	20 horas
Segunda gradeação - outubro	60 horas
Primeira lavra - novembro	75 horas
Terceira gradeação - dezembro	60 horas
Plantio - 15 horas-	dezembro
Viagens do trator com carreta para transporte de água, pessoal, lenha e material para construção de casa acampamento.	100 horas
<u>TOTAL DE HORAS</u> .....	370 horas

Quantidade de óleo diesel necessário	- 5.000 lt	- R\$ 15.000,00
Quantidade de óleo lubrificante	- 80 lt.	- R\$ 2.000,00
Quantidade de óleo sistema hidráulico	- 35 lt.	- R\$ 1.050,00
Quantidade de graxa	- 20 lt.	- R\$ 800,00
Filtro de óleo diesel	- 6	- R\$ 180,00
Filtro para óleo lubrificante	- 4	- R\$ 180,00
Possíveis quebras de peças do trator e implementos		- R\$ 5.000,00
Viagens para compras de peças e negócios da plantação		- R\$ 4.000,00
<u>TOTAL DE GASTOS</u> .....		- R\$ 98.710,00

MAQUINÁRIO ADQUIRIDO

31.07.1975	- 1 trator modelo 1.090 Perkins série nº 69323 CBT NF. 0047 - Convenio MEC/FNDE	102.	313,00
31.07.1975	- 1 lamina marca MADAL de levante 1,70 m. com comando duplo NF. 0047 - Convenio MEC/FNDE		22.500,00
31.07.1975	- 1 grade MADAL CIVEMASA de 20 discos NF. 0048 - Convenio MEC/FNDE		24.870,00
31.07.1975	- 1 carreta Fanavia 7 toneladas com pneus e carroceria NF. 0048 - Convenio MEC/FNDE		33.245,00
31.07.1975	- 1 esparramador de calcareo NF. 0048 Convenio MEC/FNDE		7.800,00
31.07.1975	- 1 arado CIVEMASA de arrasto com catraca mecânica de 5 discos NF. 0050 convenio MEC/FNDE/MIA		25.395,00
31.07.1975	- 1 semeadeira o adubadeira marca SEMBATO de 22 linhas NF. 0050 Convenio MEC/FNDE		35.480,00
30.03.1976	- 1 trilhadeira marca Vencedora		23.000,00
30.03.1977	- 1 motor Diesel, marca TRIBLE		15.000,00
<u>TOTAL DE GASTOS NA COMPRA DO MAQUINÁRIO .....</u>			289.603,00